

Criar sempre e discutir cotidianamente

SANDRA REGINA DO NASCIMENTO SANTOS*

Resumo

O que apresento neste texto pretende, apenas, descrever uma experiência que, desenvolvida com êxito há cerca de cinco anos numa escola pública da cidade de São Paulo, foi repetida com igual sucesso neste ano de 2014, em outra escola estadual. A partir de leituras de Machado de Assis e José de Alencar (“Pai contra mãe” e a “Pata da gazela”, respectivamente), a proposta é refletir sobre o Brasil negro e indígena, as relações entre passado e presente; a formação de processos socioculturais e históricos.

Palavras-chave: Relações étnico-raciais; Literatura Brasileira; processos históricos.



* SANDRA REGINA DO NASCIMENTO SANTOS é Doutora em Ciências da Comunicação (ECA-USP – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo); leciona História em escolas públicas do Estado de São Paulo.



Trabalho com crianças (Foto da autora)

Introdução

O que apresento neste texto pretende, apenas, descrever uma experiência que, desenvolvida com êxito há cerca de cinco anos numa escola pública de São Paulo-capital, foi repetida com igual sucesso neste ano de 2014.

As duas instituições, pertencentes à rede estadual, se localizam na Zona Leste da cidade e terão seus nomes omitidos.

Durante palestras e oficinas tenho procurado discuti-la com educadores/as e aperfeiçoá-la para futuras aplicações. Um dos problemas acarretados por este trabalho é a necessidade da interdisciplinaridade. Digo “problema” porque, para ser aproveitado ao máximo, deve haver cumplicidade entre os professores das diversas disciplinas envolvidos com as turmas que desenvolverão o trabalho e, como sabemos, desenvolver esta cumplicidade não tem sido fácil para nenhuma escola – salvo honrosas exceções, descritas em revistas especializadas.

Importante é aproveitar a necessidade que o jovem tem do novo, da descoberta, de ser valorizado e aprender com isso. A escola é um local em permanente erupção, pois abriga grande porcentagem desta matéria em ebulição – chamado adolescente – sempre em contraponto com um grupo já “pacificado” – administradores e docentes, muitos já passados da meia idade – que, muitas vezes, não se lembra mais como era ser jovem. Na escola da periferia, ainda, este grupo jovem é, em sua maioria, composto por afrodescendentes, a parte mais desprivilegiada da sociedade, o que favorece a junção da “fase natural” de contestação da mocidade com a sensação de discriminação, contribuindo para baixar ainda mais a autoestima, situação desenvolvida ao longo de uma vida de invisibilidade social e abandono dos poderes públicos – inclusive, muitas vezes, refletida na própria escola pública. O recente fenômeno dos

Rolezinhos e a polêmica que causaram também ilustram o cenário descrito.

Ser negro no Brasil é não se enxergar como bem-sucedido na mídia grande, não ser valorizado, desconhecer suas origens de lutas e glórias; é ser o escravo que aparece nas telenovelas e nos livros didáticos, aquele que nasceu para frequentar o que as elites, os brancos, não querem mais. Esses são os alunos que, infelizmente, estão em oposição à outra parte da Unidade Escolar: a direção, os professores e os funcionários que, de uma maneira geral, estão mais identificados com a parte que massacra, desconsidera e inutiliza as potencialidades do povo. Não digo que esta seja a absoluta verdade, sem nuances ou exceções, mas é, com certeza, a leitura que os jovens estudantes da periferia fazem da escola que frequentam. O professor é agente – ou pelo menos é visto assim e muito assim se comporta – ou parece se comportar de modo a fortalecer as crenças e estereótipos da sociedade repressora, branca, racista, oficial, elitista que discrimina, impossibilita, tolhe, massacra e impede manifestações.

Por outro lado, há a realidade das escolas particulares: a escola onde ministro aulas fica a dois quarteirões de distância de uma instituição privada de ensino que também possui cursos fundamental e médio, além de pré-escola. Os horários de entrada e saída são diferenciados para evitar “encontros” desagradáveis entre os dois grupos de jovens: o “povo” da pública entra às 7h00 da manhã e a “elite” do particular inicia suas aulas às 7h15. Claro que os/as meninos/as da escola pública “percebem” que há uma estratégia para evitar o “contato” entre eles – futuros trabalhadores – com os outros – futuros patrões. Em sala de aula, as realidades afloram em

rivalidades verbais e perguntas que, muitas vezes, não são respondidas a contento: por que somos diferentes?

Essa exclusão é percebida e, muitas vezes, vivenciada em forma de revolta e participação em movimentos que, muitas vezes, desfavorece e aumenta a “desconfiança” dos segmentos que detêm o monopólio da utilização da força. Nem sempre o Estado e suas forças policiais entendem a mobilização popular como consequência de uma situação de desfavorecimento.

Há muito adotei, em minhas salas de aula, a prática de “mostrar os dois lados” ou mais, conforme o caso. Vejamos uma ideia simples: a linha do tempo é necessária, mas será que somente uma versão é possível? A mais difundida é a eurocêntrica, com os tradicionais períodos divididos em História Antiga, Medieval, Moderna e Contemporânea, com “marco zero” posto no nascimento de Cristo. Mas e as outras possibilidades? Outras civilizações tão grandes, importantes ou maiores e mais ricas do que as encontradas na Europa nos mesmos períodos?

Os grupos populares que não se enxergam na História, não se veem como participantes da construção do país tendem a acreditar que a marginalidade pura simples é o seu lugar. Ao perceberem que a História possui nuances, que os lugares sociais são vários e igualmente importantes, que a escravidão foi uma situação pontual em milhares de séculos da Humanidade e que a construção da inferioridade teve um propósito político determinado no tempo e no espaço, os jovens ganham em entendimento e aumentam sua capacidade de diálogo, argumentação e participação social de maneira mais contundente e proveitosa. A autoestima é ampliada sobremaneira.

Abrir diálogo com a classe é fundamental para que todos tenham a oportunidade de expressar dúvidas, ideias e opiniões.

Isto posto, gostaria de entrar no assunto propriamente dito, o alvo de minhas oficinas. Este trabalho pode ser adaptado de forma bastante livre e aproveitando o período que for necessário para sua implementação. É fácil “encaixá-lo” em qualquer época do ano letivo.

Literatura – trabalhando Pai contra mãe, de Machado de Assis.

O tema é a Corte brasileira no Segundo Reinado. Período entre 1840 e 1889, que compreende o ano da coroação do jovem D. Pedro II, com a antecipação de sua maioridade jurídica, e a Proclamação da República, o adeus ao velho imperador.

Para desenvolver este tema, é necessária a cumplicidade dos professores de Língua Portuguesa, Artes, Geografia, Sociologia. Eventualmente, os professores de Exatas e Biológicas também podem ser convidados a trabalhar num grande projeto que envolva estatísticas sobre a população e situação de saneamento, insalubridade e doenças existentes naqueles tempos.

Material necessário:

1. Dicionário da Língua Portuguesa;
2. Livros didáticos sobre os temas em questão – este projeto foi desenvolvido em salas de 7ªsérie/8º ano do Ensino Fundamental.
 - a. Considero importante a utilização dos materiais fornecidos pelas escolas, mesmo que não sejam os ideais,

justamente porque são representantes da visão/versão oficial da História. Assim haverá a oportunidade de questionar a qualidade e/ou a adequação destes materiais e a desconstrução da História “oficial” que deve ser questionada pelas docentes e discentes em debates a serem desenvolvidos em sala de aula. Quais os interesses e pontos de vista de quem escreve e de quem patrocina tais publicações?

3. Livros de Literatura:

a. ASSIS, José Maria Machado de. **Relíquias de casa velha**. Rio de Janeiro, Garnier, sd. (Conto: *Pai contra mãe*, publicado originalmente em 1905).

b. ALENCAR, José. **A pata da gazela**. 15ª.ed. São Paulo, Ática, 1998 (novela publicada originalmente em 1870).

4. Jornais e revistas atuais. Importantes para que se observe a situação atual dos grupos sociais originados no período histórico em questão. Os descendentes da elite e da população desfavorecida.

5. Livros paradidáticos. Muito importantes porque apresentam, geralmente, uma iconografia interessante, imagens e textos da época abordada (descrições feitas por viajantes, charges realizadas por desenhistas brasileiros e estrangeiros em visita ao Brasil) que podem ser úteis ao desenvolvimento desta trajetória de aprendizado e entendimento das relações sociais no Brasil.

O trabalho será desenvolvido em três fases: sensibilização, desenvolvimento, conclusão.

A metodologia a ser utilizada considera:

1. As tradicionais aulas expositivas (o mínimo possível, necessária para, apenas, delimitar a situação que o aluno deve analisar – lembre-se de que o acesso às informações hoje é muito fácil, mas nem sempre o estudante consegue organizá-las de forma a favorecer a construção de seu conhecimento histórico-social);
2. As leituras, que serão dirigidas por objetivos claros;
3. As observações iconográficas (imagens; charges da época; fotografias, caricaturas, pinturas, etc.);
4. Os comentários sobre o noticiário televisivo e o capítulo anterior da telenovela que podem, por exemplo, constituir um bom gancho para chamar a atenção dos alunos;
5. Os exercícios e questionários pré-elaborados pelos próprios alunos, a partir de leituras prévias de jornais, livros e revistas. Estes servirão para direcionar os comentários posteriores às respostas dadas em grupos, sempre direcionadas pelo docente.

Sensibilização para os assuntos abordados.

Nesta fase, o uso do dicionário será constante e a aula, preferencialmente, será dialogada. É a fase em que alguns conceitos (históricos, sociológicos) e parâmetros de trabalho (individual ou grupo; apresentação escrita ou através de cartazes; prazos de entrega) serão determinados.

Os alunos terão um prazo para buscar o significado de palavras encontradas nos

textos e que, porventura, não façam parte do vocabulário atual. Como os textos utilizados (“Pai contra mãe” e a “Pata da gazela”) foram escritos há mais de um século, algumas palavras, expressões, utensílios e práticas (máscara de flandres, pataca, saraus, roda dos enfeitados, tigre...) não fazem mais parte do cotidiano atual e suscitarão questionamentos, estranhamentos, contrastes com a realidade dos estudantes e dos próprios docentes envolvidos. Estas dúvidas serão respondidas, explicadas, mas não sem antes o exercício de uso do dicionário e outros recursos de pesquisa.

O primeiro texto a ser lido é o de Machado de Assis, mais curto e, portanto, facilmente realizado em sala de aula, coletivamente, com pausas para explicações, discussões, comparações, buscas imediatas no dicionário e observações iconográficas. Isso deixará os discentes aptos a realizarem a leitura mais longa, texto de José de Alencar, sozinhos.

O contato/leitura de livros didáticos é importante para que os estudantes formem uma base de conhecimentos sobre o assunto estudado. Não descarto a “história oficial” dessas publicações, como já informado acima, pois aí está escrito o discurso a ser desconstruído, a origem da atual situação social, entre outros aspectos. É necessário entender a raiz de certas crenças e o livro didático – por pior que seja – é a melhor solução (é barato, toda escola pública recebe uma quantidade razoável de didáticos e paradidáticos todos os anos). Na realidade, esses livros têm sido subaproveitados – quando são. Muitos professores os utilizam apenas como fonte de cópias mal feitas e sem integração com o contexto de aula; é quase um “castigo” que o professor dá às crianças mal comportadas – o que só

umenta o desgosto dos discentes pela História. Manuseá-lo é importante; observar as ilustrações e ler os textos extras no final ou início de cada capítulo.

Desenvolvimento

O cenário histórico, como já informado, é a corte brasileira (Rio de Janeiro) durante o reinado de D. Pedro II. Um período visto como relativamente calmo e próspero para o País (será?), quando a burguesia e os profissionais liberais, formando uma camada cada vez maior conviviam ainda com os desmandos dos grandes latifundiários e a existência de uma numerosa população cativa. Nos interiores a insatisfação social gerando lutas fratricidas (Guerra dos Farrapos, entre 1835 e 1845 na região sul do País; a Revolta dos Malês, 1835, e a Sabinada, entre 1837 e 1838, ambas na Bahia) e no cenário internacional a guerra brasileira contra o Paraguai. Como seria, naquele contexto, a vida de “gente comum”?

Primeira questão: o que é “gente comum”? O que se fazia para sobreviver? Isso pode ser discutido em sala de aula com a atualidade servindo de parâmetro (o que cada um faz – brincadeiras, escola, trabalho; qual a profissão do pai e da mãe; como as pessoas, de diversas camadas sociais, são tratadas; governo; sociedade; polícia; observando-se sempre a partir do cotidiano do aluno).

Como a realidade (social, econômica, política) afeta a vida de famílias e indivíduos. Os livros escolhidos retratam dois grupos sociais/famílias, um da elite da sociedade outro da base social. Convivências, amizades, redes de solidariedade, preocupações e reações diferentes, num mesmo espaço geográfico, em períodos semelhantes:

Machado de Assis informa que, escrevendo em 1905, está se referindo há 50 anos; enquanto José de Alencar escreve sobre seus contemporâneos e as futilidades da alta sociedade.

Os personagens daquele longínquo século XIX vivenciavam problemas econômicos, financeiros, políticos, raciais, sociais, discriminações e preconceitos; enfim, pessoas “vivendo” sua rotina – como nós mesmos e nossas famílias.

A literatura e o cinema são aliados importantes nesta fase, pois ajudam a “agarrar” a atenção dos jovens para coisas que porventura tenham se perdido na leitura dos livros didáticos e paradidáticos propostos ou nas situações discutidas em sala de aula. Ajudam a entender a conjuntura que afetava a vida do cidadão “comum”. Como a nossa vida que, na atualidade, depende de diversos fatores – o importante sempre fazer essa relação com a atualidade.

O ideal é que o docente leia o texto “Pai contra mãe” junto com a sala e não se acanhe de parar a leitura em certos pontos para comentar, chamar a atenção para trechos que “combinam” com o que foi visto nos livros didáticos: escravidão; tratamento dado ao que é considerado “diferente”; a situação do pobre; as *benesses* da elite; as confraternizações; o espaço ocupado pelas pessoas; a alimentação ingerida, o tipo de trabalho ou falta dele; tudo isso gerando problemas que, por vezes, levam às revoltas, desentendimentos, subempregos, ao questionamento sobre papel da mulher na sociedade, ao estatuto da criança, guerras, greves, preconceitos contra o diferente, o menos apto, o mais “fraco” (etnia/cor, sobrepeso, deficiências, religiosidades...). E como esses padrões se reproduzem na sociedade atual? O

que é fruto de toda aquela experiência histórica?

Haverá um questionário básico que o docente aplicará em sala de aula, com um prazo para que seja respondido. O resultado deste trabalho será apurado numa “mesa redonda” com a participação dos alunos. Esse debate deverá gerar o interesse de saber mais. Então, o docente proporá um trabalho maior, em grupos. Uma pesquisa extraclasse, com provável entrevista com familiares e vizinhos. É importante notar que tudo isso está gerando uma discussão, que criará mais curiosidades, que ocasionará mais pesquisas e a noção da importância de conhecer processos para poder intervir na realidade ao seu redor.

Considerações finais

Todas as fases do trabalho serão, claro, avaliadas; porém, o final das discussões deve produzir material a ser apresentado para toda a escola. Um produto em que cada aluno deve enxergar sua colaboração e contribuição para tornar a sociedade menos preconceituosa e mais plural; algo que continue gerando debates e necessidades de conhecimento, mas que, principalmente, realize mudanças no relacionamento dos seres humanos que convivem na comunidade escolar primeiramente, e que não pare por aí. Que cresça e alcance também a vizinhança, depois outro bairro e mais outro, a cidade e assim por diante.

A apresentação do trabalho poderá ser em forma de encenação, cartazes, música, dança. É importante que fiquem à vontade para utilizar quaisquer formas de expressão para informar o que aprenderam para os demais colegas. Poderá, inclusive, ser apresentado na semana cultural do 20 de novembro (mas sem a obrigatoriedade desta data).

Atualmente tenho utilizado a semana do 31 de outubro (dia do Saci em oposição ao dia das bruxas).

Uma boa continuação para este trabalho pode ser a abordagem da Resistência Negra, formas de luta com ênfase na História dos Quilombos – formação, lutas, manutenção, desenvolvimento ao longo dos séculos culminando com a atualidade das comunidades quilombolas remanescentes.

Referências

- ALENCAR, José de. **A pata da gazela** (1870) e/ou **Senhora** (1874). São Paulo, Atica.
- CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo, Summus/Selo Negro, 2001.
- CASHMORE, Ellis; BANTON, Michael (et. Al.). **Dicionário de relações étnicas e raciais**. Trad. D. Kleve. São Paulo, Summus/Selo Negro, 2000.
- Editora SCIPIONE. **Coleção Crianças na História**.
- MACHADO de ASSIS. **Pai contra mãe in Relíquias de casa velha**. Rio de Janeiro, Garnier, s/d.
- MOURA, Clóvis. **Dicionário da escravidão negra no Brasil**. São Paulo, EDUSP, 2004.
- SANTOS, Sandra. **Brincando e Ouvindo Histórias**. Coleção Percepções da Diferença, vol. 9. São Paulo, NEINB-USP/MEC, 2007/ Terceira Margem, 2009. (ISBN 978-85-7921-006-8). Ver: www.usp.br/neinb e www.midiaetnia.com.br
- _____. *Panorama das lutas do negro no Brasil* in SILVA, Dilma de Melo (org.) **Brasil: sua gente e sua cultura**. São Paulo, Terceira Margem, 2007. pp.39-71. (ISBN 85-87769-50-2)
- SILVA, Eduardo. **As camélias do Leblon e a abolição da escravatura: uma investigação de História cultural**. São Paulo, Cia. das Letras, 2003.

Recebido em 2015-05-05
Publicado em 2015-05-10